



BRASIL ACIMA DE TUDO, DEUS ACIMA DA VIDA: BOLSONARISMO, ALIANÇAS ELEITORAIS E O DEBATE SOBRE A ESSENCIALIDADE DAS ATIVIDADES RELIGIOSAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

BRAZIL ABOVE ALL, GOD ABOVE LIFE: BOLSONARISM, ELECTORAL ALLIANCES AND THE DEBATE OVER THE ESSENTIALITY OF RELIGIOUS ACTIVITIES IN PANDEMIC TIMES

BRASIL SOBRE TODO, DIOS SOBRE LA VIDA: BOLSONARISMO, ALIANZAS ELECTORALES Y EL DEBATE SOBRE LA ESENCIALIDAD DE LAS ACTIVIDADES RELIGIOSAS EN TIEMPOS DE PANDEMIA

Marco Aurélio Dias de Souza¹

 10.21665/2318-3888.v8n16p88-106

RESUMO

Os últimos meses no Brasil, além de serem marcados pelo medo trazido pela enorme quantidade de óbitos relacionados a COVID-19, também foram palco de um espetáculo de desinformação, irresponsabilidades e desdém com a vida. Se não bastasse a minimização dos riscos da doença por parte do presidente da república, ainda se viu a incitação às manifestações, campanhas de seus aliados para que apoiadores rompessem a quarentena nos estados que a aderiram e tentativas da utilização de brechas na lei para flexibilizá-la. Nesse sentido, o artigo tem como tema o debate a respeito da disputa para se colocar as atividades religiosas como atividades essenciais durante a pandemia, ao entender esse movimento como uma resposta direta das relações entre Bolsonaro e setores religiosos conservadores/reacionários, que garantiram sua eleição, e estabelecendo que dentro de um governo que propõe uma narrativa de que a economia não pode parar, a definição da fé como um grande negócio parece bastante adequada para o cenário atual.

Palavras-chave: Bolsonarismo. COVID 19. Cultos religiosos. Isolamento Social.

¹ Doutor em Sociologia. Professor na Universidade Federal de Sergipe. E-mail: dias_dias_@hotmail.com.

ABSTRACT

The last few months in Brazil, in addition to being marked by the fear brought by the huge number of deaths related to COVID-19, were also the stage for a show of disinformation, irresponsibility and disdain for life. If it weren't enough the president's minimization of the risks of disease, there was still an incitement to the demonstration, campaigns of your allies so that supporters to break the quarantine in the States and attempts to use loopholes in the law to make it more flexible. In this way, this paper has as its theme the debate about the dispute to place religious activities as essential activities during the pandemic, by understanding this movement as a direct response to the relations between Bolsonaro and conservative / reactionary religious sectors, that ensure their election, and establishing that within a government that proposes a narrative that the economy cannot stop, the definition of faith as a big business seems quite adequate for the current scenario.

Keywords: Bolsonarism. COVID-19. Religious Cults. Social Isolation.

RESUMEN

Los últimos meses en Brasil, además de estar marcados por el miedo provocado por la gran cantidad de muertes relacionadas con el COVID-19, fueron también escenario de una muestra de desinformación, irresponsabilidad y desdén por la vida. Si el presidente de la república no fue suficiente para minimizar los riesgos de la enfermedad, aún hubo una incitación a las manifestaciones, campañas de sus aliados para que los simpatizantes rompan la cuarentena en los estados que se unieron a ella e intentos de aprovechar los vacíos legales para flexibilizarla. allí. En este sentido, el artículo tiene como tema el debate sobre la disputa por ubicar las actividades religiosas como actividades esenciales durante la pandemia, al entender este movimiento como una respuesta directa de las relaciones entre Bolsonaro y sectores religiosos conservadores / reaccionarios, que garantizaron su elección, y estableciendo que dentro de un gobierno que propone una narrativa que la economía no puede detener, la definición de fe como gran cosa parece bastante adecuada para el escenario actual.

Palabras clave: Bolsonarismo. COVID 19. Cultos religiosos. Aislamiento social.

1. Pandemia e bolsonarismo: da distorção ao caos

Assim que os estranhos casos de doenças respiratórias e pneumonia começaram a ser notificados na província de Wuhan em dezembro de 2019, a doença, que alguns meses depois ficou conhecida como COVID-19, parecia apenas um fato isolado, algo que jamais se espalharia pelo mundo ou chegaria ao Brasil. Nesse momento, parecia relativamente fácil estabelecer um processo de isolamento das áreas infectadas e garantir a sua não proliferação pelo planeta.

Quando, no dia 30 de janeiro de 2020, a OMS lançou um alerta de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII)², se viu a ampliação do risco da doença saltar de moderado para alto em um período menor do que 10 dias. Poucos dias depois a epidemia já atingia de maneira cruel, Espanha, Itália e França e se espalhava rapidamente ao redor do mundo e, logicamente, a sensação de que em breve ela chegaria ao Brasil parecia cada vez mais certa.

Esse passar dos dias funcionava como uma ampulheta, ao qual, as areias do tempo escorriam ao clamar por soluções que preservassem vidas. Contudo, nos meses que se seguiram, o aumento no número de casos e de mortes não parecia mobilizar qualquer sentimento de urgência na administração Bolsonaro, que preferia diminuir os riscos da doença e desdenhar de seus efeitos.

Essa capacidade de negar os problemas, ao longo do último ano, pareceu ser a tônica da razão bolsonarista. Isso se demonstra pela frequência enorme que membros da administração vieram a público negar a existência de coisas que, de tão visíveis, chegam a se assemelhar a um elefante no meio da sala. Assim, a regra parece ser inequívoca, não existe corrupção no Brasil³, não existem queimadas na Amazônia⁴, não existe o risco de uma pandemia⁵ (no máximo teremos uma gripezinha) e, o exemplo mais

² <https://coronavirus.saude.gov.br/linha-do-tempo/#jan2020>.

³ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/10/07/bolsonaro-diz-que-acabou-com-a-operacao-lava-jato-porque-governo-nao-tem-mais-corrupcao.ghtml>.

⁴ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/10/22/bolsonaro-diz-que-nao-ha-sequer-um-hectare-de-selva-devastada-na-amazonia.ghtml>.

⁵ <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,nao-e-uma-situacao-alarmante-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus,70003173424>.

recente, não existe racismo no Brasil⁶. A sequência de negações faz parecer que existem duas realidades e, por mais absurdas que essas falas possam parecer, elas rapidamente ecoam entre os apoiadores do governo e encadeiam uma série de ataques a cientistas, políticos, jornalistas e qualquer figura pública que se oponha a aparente insanidade.

Nesse sentido, o quadro analisado aqui se constrói em meio as tentativas do Governo Federal de atacar governadores e prefeitos, que procuravam estabelecer estratégias de controle da epidemia. Ao mesmo tempo, o presidente bradava em suas *lives* e entrevistas contra governadores⁷, defendia que a paralização econômica mataria mais do que a doença⁸, estimulava seus apoiadores a atacar o STF (enquanto galopava em um cavalo em meio à multidão), apoiava, em um helicóptero, manifestações que propunham o fechamento do Congresso⁹ e, principalmente, garantia que tinha saúde de atleta, fazia propaganda de remédios de eficácia duvidosa, questionava a possível obrigatoriedade das vacinas (ainda em estudo) e afirmava que não era coveiro para se preocupar com o número de mortes¹⁰.

Ao ver que finalmente não tinha força para impedir que governadores e prefeitos tomassem decisões, que lhes eram garantidas pelo pacto federativo nacional, o presidente não recuou e continuou a narrar sua distopia, ao qual, elegia um novo tipo de herói. Um herói que não lutava para preservar a vida, mas, que deveria encarar a morte de peito aberto. Para o presidente, como a morte é algo inevitável, a comoção e a preocupação com a vida não passavam de uma atitude de “maricas”¹¹. Ao mesmo tempo, a administração procurava brechas para garantir que o mundo fosse feito a imagem das suas ilusões. E é exatamente a respeito de uma dessas brechas que surge o

⁶ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/11/20/bolsonaro-ignora-racismo-no-brasil-sou-daltonico-todos-tem-a-mesma-cor.htm>.

⁷ <https://oglobo.globo.com/brasil/sem-provas-bolsonaro-acusa-estados-de-desviarem-recursos-do-coronavirus-1-24402682>.

⁸ <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/bolsonaro-acusa-governadores-de-causarem-desemprego-com-medidas-restritivas.shtml>.

⁹ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/bolsonaro-usa-helicoptero-para-sobrevoar-manifestacao-na-esplanada-contra-stf-e-congresso.shtml>.

¹⁰ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>.

¹¹ <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2020/11/11/com-pais-de-maricas-bolsonaro-mistura-homofobia-e-indecencia-diz-imprensa-internacional.htm>.

olhar desse artigo, especificamente, na tentativa do presidente de incluir cultos religiosos como um serviço essencial.

O item que pode parecer banal, em meio a tantas atrocidades realizadas durante os últimos meses, é um gancho para que se debata, de maneira unificada, duas questões que são vitais para a compreensão do momento atual de nossa democracia. A primeira é a aliança construída entre o capitão reformado e setores religiosos reacionários que se desenvolveu na esteira das estratégias “neopopulistas” proliferadas pelo mundo durante a última década. Ao debater essa questão se pretende entender como o projeto reativo de dominação da esfera pública por parte de grupos religiosos se alinhou com figuras não propriamente religiosas para alcançar proeminência. O que fez com que Bolsonaro, embora não seja nenhum exemplo de retidão moral cristã, tenha sido escolhido como o candidato desses grupos religiosos para garantir a implantação dessa agenda reacionária e, principalmente, fazer vistas grossas aos bolsos cheios e ao total descontrole governamental sobre essas quantias. Esse processo criou uma relação simbiote entre votos religiosos, apoio na construção de uma base parlamentar e a projetos moralistas de dominação política.

A ligação com a estratégia neopopulista pode ser percebida pelo fato de outros líderes, classificados dentro dessa mesma lógica, como Donald Trump¹², Victor Orban e Vladimir Putin¹³ também atrelarem seus governos a uma experiência religiosa instrumentalizada para destacar uma ideia de pureza nativista e apontar mercedores ou não mercedores de direitos.

A segunda questão reflete a ideia de liberdade religiosa e o seu lugar diante do modelo federativo do país. Ao resgatar os debates e os argumentos em torno da interferência relacionada ao fechamento dos cultos por motivos da pandemia, essa passagem pretende discutir papéis simbólicos e práticos da relação anterior, para isso, recorre às falas tanto do presidente quanto de setores da bancada evangélica sobre o tema. O objetivo aqui é entender como se construiu entre o presidente e lideranças religiosas

¹² Souza (2018).

¹³ Snyder (2019).

reacionárias as estratégias de combate as políticas de isolamento e a negação do risco trazido pela pandemia.

Assim, pretende-se trazer importantes contribuições para o debate em torno das questões que entrelaçam religião e política no Brasil contemporâneo, enxergando como essas relações mobilizam debates sobre o papel e funcionamento do Estado e a tomadas de decisões políticas.

2. O imperador Ciro de Brasília: a aliança entre Bolsonaro e setores religiosos reacionários

No dia 19 de maio de 2019, Bolsonaro compartilhou em sua conta no *Twitter* um vídeo, ao qual, o pastor congolês Steve Kunda o chamava de “escolhido de Deus” e o comparava ao Imperador Persa Ciro II. Alguns meses antes outro presidente de viés neopopulista, Donald Trump, havia recebido a mesma comparação por parte de pastores conservadores. A escolha pelo personagem Bíblico Ciro, vem da parábola de uma figura não cristã que fez ações ou tomou decisões que levaram à vontade de Deus ao libertar os judeus da Babilônia. Esse tipo de associação é interessante para entender a aproximação de Jair Messias Bolsonaro às lideranças religiosas conservadoras/reacionárias e é uma constante da participação de movimentos relacionados a nova direita religiosa ao redor do mundo. Ou seja, diante da incapacidade, por questões de rivalidades entre as diferentes correntes ou rejeição de parte da população aos candidatos puramente religiosos, os movimentos ligados a grupos religiosos conservadores/reacionários encontram em figuras, muitas vezes, não propriamente religiosas a possibilidade de terem suas demandas atendidas. Como exemplo, temos o apoio da *Moral Majority* a Reagan na eleição presidencial dos EUA de 1980, a aproximação de setores da Igreja Ortodoxa a administração Putin e o apoio dos conservadores religiosos brancos a Donald Trump nas eleições de 2016 e 2020.

No caso brasileiro, Bolsonaro foi eleito com aproximadamente 57 milhões de votos e foi o primeiro candidato a unificar o apoio das principais denominações evangélicas, entre

elas: a Igreja Universal do Reino de Deus, a Assembleia de Deus, a Igreja Mundial da Graça, a Igreja Sara Nossa Terra, a Igreja Deus é Amor e, ainda por cima, atingiu a adesão de vertentes católicas conservadoras em torno de sua candidatura. Antes disso, a tentativa de Antony Garotinho, a candidatura de Marina Silva e mesmo o apoio de algumas denominações ao governo Lula sempre se constituíram dentro de um processo de inúmeras dissidências e fragmentações. Essa união em torno do capitão reformado garantiu cerca de 20 milhões de votos evangélicos para o atual presidente, o que representou uma porcentagem de votos muito superior do que a alcançada pelo seu adversário Fernando Haddad entre esse setor¹⁴, fazendo com que essa mobilização fosse determinante para sua vitória.

Contudo, é importante destacar que a aproximação do atual presidente a esses setores religiosos se deu de maneira bastante recente. Segundo Lacerda (2019) e (2020), apesar de ter uma longa carreira como deputado (de 1991 até 2018), somente em 2011 (durante o primeiro mandato de Dilma Rousseff) que Bolsonaro se aproximou da agenda de setores religiosos conservadores. Isso ocorreu quando seu discurso passou a destacar um tom moralista sexual e o deputado liderou a oposição ao Projeto Escola sem Homofobia (nomeado por esse grupo como “Kit Gay”). “O tema foi objeto de 47 discursos só no ano de 2011. Bolsonaro o menciona mais de 80 vezes. O projeto ensinaria a homossexualidade, a promiscuidade e a pedofilia” (LACERDA, 2020, p.294).

Como constatou Mariano e Gerardi (2020) a estratégia da bancada evangélica sobre esse tema concentrava-se em obstruir votações do governo Dilma e ameaçar convocar Antônio Palocci para depor sobre os escândalos relacionados a evolução de seu patrimônio. Diante da pressão exercida, Dilma recuou e interrompeu a distribuição do Caderno Escola Contra Homofobia.

Apontar essa mudança é importante pois Bolsonaro se enquadrava pouco ao perfil de uma liderança do campo religioso. Mesmo se definindo como católico e estando casado com uma evangélica, ele possuía uma trajetória de vida que incluía divórcio e falas que

¹⁴ De acordo com Sales e Mariano (2019) os evangélicos deram cerca de 11 milhões de votos a mais para Jair Messias Bolsonaro do que votaram em Fernando Haddad.

refletiam violência, o apoio à tortura e à intolerância. Bolsonaro foi se aproximando lentamente a esses setores, aproveitando-se da crescente rejeição ao Partido dos Trabalhadores, aos partidos de esquerda e do radical engajamento da bancada evangélica em temas relacionados à segurança pública¹⁵, ao mesmo tempo que, essa aproximação lhe multiplicava sua visibilidade e o seu número de votos¹⁶.

O destaque dado a esse alinhamento gradual é significativo, pois, ocorreu motivado por uma transformação presente nos temas da bancada evangélica, que a partir de 2010 passou a ampliar seu posicionamento sobre questões morais, sexuais e de segurança. Até esse momento as legislações e mobilizações dessa bancada concentravam-se majoritariamente em disputas por concessões de rádios e tvs, na luta por isenções de impostos para as atividades religiosas e na disputa contra o predomínio Católico no país. Assim, foram mudanças na sociedade brasileira, em direção a uma maior pluralidade, garantia de direitos para grupos minoritários e mudanças na estrutura familiar patriarcal¹⁷ que levaram os religiosos conservadores a investir nas pautas moralizantes.

Segundo Mariano (2016), as transformações ocorridas na sociedade em sentido de uma ampliação do pluralismo tendem, na verdade, a beneficiar os grupos religiosos, que se colocam em uma posição de confronto com a diversidade, construindo uma identidade de “subcultura relacional, distinta e combativa”:

Identidade a partir da qual procuram assegurar a coesão, o compromisso e o engajamento de seus membros, visibilizar suas causas e enfrentar o que compreendem, genericamente, como decadência e afronta moral e ameaças à sua religião, à sua liberdade e a seus valores. (MARIANO, 2016, p.10).

Essa crescente mobilização e inserção na política por parte dos evangélicos desenvolve-se alicerçada no que NETO (2017) apontou como uma reformulação nas identidades

¹⁵ Como apontou Lacerda (2019) com falas em defesa da redução da maioria penal e do direito a autodefesa e armamento do cidadão.

¹⁶ Entre episódios dessa aproximação temos alguns casos emblemáticos como o seu batismo no rio Jordão em 2014 pelo Pastor Everaldo (candidato à presidência em 2014).

¹⁷ A relação estabelecida entre a desagregação da estrutura familiar e o crescimento da violência e promiscuidade se tornou constante no discurso desses grupos.

desses autores, o que seria responsável por alterações nas suas formas de pensar e agir, ou, de acordo com o autor:

A transformação dos valores evangélicos mudou o modo de agir e pensar, reformulando identidades. A imagem do crente ascético, apolítico e sectário não combina mais com o discurso de uma instituição mais moderna e adepta às tecnologias e sociedade e, a velha máxima de que “crente não se mete na política” cedeu lugar para “irmão vota em irmão”. O mundo continua condenado, e é função do crente transformá-lo em um paraíso na Terra. A Teologia da Prosperidade e a Guerra contra o Diabo ajudam a legitimar a participação das lideranças evangélicas na arena política. (NETO, 2017, p.6).

É dentro dessa ideia de luta contra o diabo que se legitima um projeto de dominação da esfera pública por parte dos conservadores religiosos. Um discurso que se desenvolve atrelado a necessidade de transformar um mundo decadente, mas fortemente marcado pelo entendimento do cristão (principalmente o evangélico) como uma minoria perseguida no país, que ao longo do tempo e do esforço de luta e conversão vem caminhando a passos largos para se tornar maioria. Essa narrativa tem proporcionado um forte sentimento de alinhamento, afinal, o grupo construiu uma identidade comum, que embora seja pautada em um sentido de individualidade, uma vez que, o reino de Deus é alcançado pelo indivíduo através da demonstração de ações e ao atingir prosperidade que ele só pode realizar por conta própria, também se constroem espaços comuns de pertencimento e luta, como as Marchas para Jesus e os Megacultos, que estabelecem um sentido de projeto comum.

Como apontou Dantas (2011), essas transformações vieram alicerçadas também por mudanças na maneira de proposição de candidatos pelas Igrejas. Se no princípio a entrada dos evangélicos na política se dava de uma maneira não centralizada pelas Igrejas, com os candidatos em sua maioria ascendendo a partir de sua ligação com movimentos sociais, com o passar do tempo, seguindo o exemplo da IURD, as denominações passaram a controlar e reduzir os números de candidatos apoiados, concentrando o apoio a candidatos específicos dentro de cada localidade. Normalmente um candidato a deputado federal e um candidato a deputado estadual, chancelados pelos pastores. Essa estratégia evitava disputas internas dentro das Igrejas, garantia uma maior eficácia dos votos e um maior controle sobre os candidatos indicados.

Entretanto, mesmo dentro dessa nova conformidade de transformação de mundo apresentada pelo discurso evangélico conservador é importante destacar, como apontaram Prandi e Santos (2017), que o engajamento dos evangélicos na política tem um caráter reativo. Nesse sentido, os autores demonstram que a maior parte das manifestações e proposições advindas de parlamentares evangélicos e da mobilização desses setores veio da rejeição de propostas que eles consideravam afrontosas. Dentro dessa leitura, quando os autores vão analisar a atuação da bancada evangélica percebem um caráter moralizante da sua atividade, a ideia também é defendida por Mariano (2016) que aponta:

Percepção que, volta e meia, tende a mobilizar líderes e parlamentares evangélicos tanto lá como cá, motivados por forte indignação moral e um vigoroso senso de urgência, para pugnar contra os que – supostamente – os ameaçam ou lhes são hostis. Para tanto, identificam agentes e dispositivos seculares que não endossam ou contrariam seus valores, interesses e estilos de vida como risco, ameaça, adversários e inimigos, para, em seguida, enfrenta-los e transformá-los em objeto de proselitismo e/ou de combate. (MARIANO, 2016, p. 12).

Muito dessa especificidade apareceu nos últimos anos com a eleição de 75 deputados, nos mandatos de 2015-2018, e com a eleição de 84 deputados em 2018¹⁸. Podemos destacar dois fatores para isso: O primeiro é a sensação aparente de imoralidade que foi construída aos constantes escândalos de corrupção que afetaram a administração do PT. Já o segundo se deu a partir de uma pauta lançada pela própria bancada evangélica e sua reação a medidas progressistas encaminhadas pelas administrações Lula e Dilma.

Como resultado disso, após ser eleito sobre uma forte influência desse cenário e com um lema de campanha plenamente amarrado a simbologia dessa mobilização do conservadorismo religioso: “Brasil Acima de Todos, Deus Acima de Tudo”, Bolsonaro conseguiu alinhar as principais vertentes do conservadorismo/reacionarismo do país, atraindo também os ultraliberais a partir do superministro Paulo Guedes, os lavajatistas com a inserção do já demitido Sérgio Moro, o autoritarismo com setores militares

¹⁸ É importante destacar que, de acordo com o TSE, a eleição de 2018 mostrou um aumento de 11% nas candidaturas religiosas no país.

reformados e da ativa e ao rechear seus ministérios com representantes das mais variadas denominações religiosas¹⁹.

Essa estrutura, que ao longo do último ano passou por transformações marcadas pela saída de Sérgio Moro, reforçou um papel central de manutenção da estabilidade e apoio ao governo. De maneira que, Bolsonaro se vê forçado, cada vez mais, a ativar os sentimentos reativos desses setores religiosos conservadores/reacionários, enquanto, lideranças desse grupo percebem no presidente a oportunidade ideal para ampliar seu prestígio e evitar que as transformações sociais diminuam seus projetos de dominação.

3. Jejum, sacolinhas, feijões mágicos e a cura de todos os males: a aliança entre Bolsonaro e religiosos conservadores em tempos de covid-19

A Covid-19 atingiu duramente a vida dos brasileiros, sobrecarregando o sistema de saúde do país e deixando o Brasil em segundo lugar no mundo em número de mortes²⁰. O nível altíssimo de propagação do vírus fez com que governadores e prefeitos rapidamente propusessem modelos de isolamento horizontal, ampliassem o número de vagas em UTIS para tratar os casos graves da doença e estabelecessem o fechamento de serviços considerados não essenciais.

Se a preocupação com a vida era realmente urgente, a diminuição das atividades criou uma série de dificuldades econômicas para as empresas e trabalhadores do país, que ficaram à mercê da lentidão e falta de interesse do governo Bolsonaro em criar estratégias para minimizar os danos. Dentro desse cenário as Igrejas também passaram a sofrer com o confinamento, uma vez que, embora as doações e dízimos ocorressem de maneira “voluntária”, com a interdição dos cultos e a redução da atividade econômica, muitos dos fiéis interromperam esses pagamentos.

¹⁹ Inseridos principalmente na pasta chefiada pela ministra Damare Alves.

²⁰ O recente caso do Amazonas reforça a incapacidade e pouca vontade do governo federal de articular qualquer resposta a pandemia.

A queda de arrecadação rapidamente mobilizou líderes religiosos a construir estratégias em uma tentativa de garantir o retorno do faturamento e o pagamento das contas das Igrejas. Essas estratégias tinham também um viés político que demonstrava um forte alinhamento com os discursos e temas defendidos pelo presidente e que faziam com que cada posicionamento parecesse orquestrado em um sentido de garantir a manutenção e ampliação das ligações de Bolsonaro com essas lideranças religiosas.

Dentre essas estratégias pode-se perceber duas essenciais que se complementaram, a primeira apareceu em exemplos como a campanha do líder da Igreja da Graça de Deus, o missionário R.R. Soares, que consistia em doações realizadas pelos fiéis através de transferências bancárias. Entretanto, como a grande maioria deles advém de camadas da população que não possuíam internet em suas casas, contas em bancos para realizar transferências ou simplesmente eram pouco habituados ao uso dessas ferramentas, as doações foram bem diminutas²¹. Como solução, diante dos baixos resultados, ampliou-se a campanha com a tentativa de estabelecer uma rede com os filhos, familiares e conhecidos para que se emprestassem contas para fazer as transferências bancárias²².

Diante da dificuldade em manter as arrecadações e do alto custo mensal para a manutenção das televisões e rádios pertencentes a maioria dessas Igrejas, uma segunda estratégia passou a ser utilizada e com ela instaurou-se uma narrativa de que o povo da Igreja não adoeceria e que os que fossem atingidos pela doença seriam curados pelo poder da oração. Esse tipo de discurso se refletiu em falas como a do pastor Valdemiro Santiago da Igreja Mundial do Poder de Deus que declarou: “Não está atingindo o povo da igreja. Nossa luta é por causa dos decretos, por causa das determinações das autoridades. A igreja tem curado muita gente, e ela é o último refúgio do povo”. O mesmo pastor está atualmente envolvido em uma denúncia por pedir depósitos de 1000 reais por sementes de feijão que curariam a Covid-19²³. O caso fez com que o Ministério

²¹ <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/03/pastor-rr-soares-pede-doacoes-de-fieis-por-transferencia-bancaria-durante-crise-do-coronavirus.shtml>.

²² <https://istoe.com.br/coronavirus-suspensao-de-cultos-faz-pastor-pedir-dizimo-pela-internet/>.

²³ <https://www.youtube.com/watch?v=bljDiW39lHI>.

Público solicitasse uma multa de pelo menos 300 mil reais por divulgação de cura falsa²⁴ e também resultou na decisão expedida pelo juiz Tiago Bitencourt de David, ao qual, o Ministério da Saúde deveria colocar uma nota em seu site explicando se havia alguma eficácia comprovada das sementes de feijão no tratamento da COVID-19²⁵.

O pastor não foi o único investigado por tentar vender supostas curas espirituais durante a epidemia, o Missionário R. R. Soares também passou a ser investigado pelo Ministério Público por em seu programa televisivo, *Show da Fé*, anunciar água consagrada por ele que seria capaz de curar a COVID-19. O missionário chegou até mesmo a criar um placar ao qual contabilizava o número de curados e trazia vários deles para dar declarações sobre os resultados do tratamento²⁶.

Ao mesmo tempo, lideranças religiosas passaram a construir narrativas que diminuía os riscos da epidemia ou que defendia algum tipo de proteção espiritual com o intuito de garantir que ela não atingiria os fiéis. O bispo Edir Macedo em um de seus cultos, ocorrido no dia 15 de março de 2020, afirmou que a Covid-19 era a coroa do diabo e que os membros da IURD teriam a coroa de Jesus sobre eles²⁷. O líder da Igreja Universal do Reino de Deus acusou a epidemia de ser uma tática do Satanás e uma prática da mídia para apavorar as populações e nações²⁸. A fala do fundador da IURD estava profundamente alinhada às declarações do próprio presidente da república ao longo da pandemia, de maneira que, nos momentos em que iniciaram as movimentações em direção ao isolamento social, membros da IURD como o Pastor Guilherme Grando defendiam que ao invés do fechamento dos cultos, eles deveriam ser ampliados como forma de garantir o distanciamento social²⁹.

²⁴ <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/08/04/mpf-aciona-valdemiro-santiago-por-propaganda-de-falsa-cura-da-covid-19.htm>.

²⁵ https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/01/05/justica-determina-pela-2a-vez-que-ministerio-da-saude-informe-se-feijao-do-pastor-valdemiro-santiago-cura-covid-19.ghtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=g1

²⁶ <https://istoe.com.br/pastor-r-r-soares-afirma-que-agua-consagrada-por-ele-cura-covid-19/>.

²⁷ <https://piaui.folha.uol.com.br/sem-fieis-sem-dizimo-sem-palanque/>

²⁸ <https://veja.abril.com.br/brasil/bispo-edir-macedo-e-investigado-pelo-mpf-por-declaracao-sobre-coronavirus/>.

²⁹ <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2020/03/18/com-alcool-gel-e-oracoes-igreja-universal-orienta-fieis-contra-coronavirus.htm>.

A fala do Bispo Macedo sobre a pandemia também passou a ser investigada pelo MPF, o que fez com que o conteúdo publicado fosse apagado. Meses depois o Bispo foi contaminado pela COVID-19 e ao receber alta declarou ter sido curado através de um tratamento feito com a hidroxicloroquina, medicamento de eficácia não comprovada e que vem sendo propagandeado pelo governo federal como eficaz no combate à doença. A defesa do medicamento também foi encampada por outro conhecido aliado do governo Bolsonaro, o pastor Marcos Feliciano, que em 05 de setembro de 2020 compartilhou uma distorção de um estudo científico belga sobre a eficácia do remédio no tratamento da doença³⁰. Feliciano também defendeu ao longo dos últimos meses que os números de mortos por COVID-19 eram inflados e que em períodos semelhantes durante o ano de 2019 ocorreram mais mortes do que durante a epidemia³¹.

Outra liderança religiosa conservadora alinhada à administração Bolsonaro, Silas Malafaia, também se colocou contra o fechamento dos templos. No dia 19 de março de 2020, ainda no princípio da pandemia, o pastor defendeu que a Igreja era tão importante quanto às medidas de prevenção contra a doença. Para o líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo os cultos somente seriam suspensos se as prefeituras e os governos estaduais fechassem também os transportes públicos.

Pouco mais de uma semana depois, no dia 27 de março, quando as medidas restritivas começaram a ser estabelecidas e os cultos foram proibidos, Malafaia saiu em defesa de Bolsonaro afirmando que o presidente estava certo ao dizer que os efeitos da crise econômica seriam piores que o das mortes na pandemia. Junto a isso, em uma entrevista para o jornal Estado de São Paulo, o religioso defendeu que as tentativas de contenção da doença eram medidas eleitoreiras, que deveriam ser adotadas apenas medidas de isolamento vertical e também saiu em defesa do decreto publicado por Bolsonaro que inseria as atividades religiosas como atividades essenciais³².

³⁰ <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/deputado-engana-ao-afirmar-que-pesquisa-comprova-eficacia-da-hidroxicloroquina.shtml>.

³¹ <https://twitter.com/marcofeliciano/status/1257327937076047874>.

³² <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/caos-social-mata-mais-diz-silas-malafaia-sobre-covid-19,64fa3949e9979fa9b50be8649578ef189rjn349w.html>.

Como se pode perceber, nos exemplos citados anteriormente, existe um alinhamento bastante coeso entre as falas de lideranças religiosas reacionárias e os argumentos e propostas do presidente sobre as questões em torno da pandemia. Ao mesmo tempo, o que se viu ao longo do ano de 2020 foi o crescimento de uma forte disputa em torno do funcionamento dos cultos religiosos, mesmo com o número de casos e mortes em um patamar bastante elevado.

Após a ameaça do presidente de garantir por decreto que não ocorresse o isolamento social e do entendimento legal que seria função do executivo definir quais seriam os serviços considerados essenciais, Bolsonaro promulgou o decreto Nº 10.292, DE 25 DE MARÇO DE 2020, que em seu item XXXIX incluía no decreto Nº 10.282 DE 20 DE MARÇO DE 2020 o texto que transformava em essenciais as “atividades religiosas de qualquer natureza, obedecidas as determinações do Ministério da Saúde”.

Os decretos foram caçados no dia 27 de março de 2020 pela Justiça Federal e manteve-se a restrição aos cultos, o que motivou as lideranças evangélicas a iniciarem uma verdadeira corrida nas legislações estaduais e municipais com uma tentativa de aprovar decretos estaduais que os liberassem, sob a justificativa de que a interdição representaria um ataque a liberdade religiosa.

Para além do debate propriamente jurídico que se seguiu e das conseqüentes disputas nos legislativos estaduais e municipais sobre o tema, a questão que interessa a esse artigo é novamente retornar a análise da aliança entre Jair Messias Bolsonaro e as lideranças religiosas conservadoras/reacionárias. Para isso é importante destacar o evento que durante a pandemia aproximou ainda mais essa relação. Se o presidente se mobilizou para favorecer os interesses das lideranças religiosas, poucos dias depois essas mesmas lideranças se mobilizaram para demonstrar apoio ao presidente. O evento, o Jejum contra o novo coronavírus e defesa da Pátria e Bolsonaro³³, ocorreu nos dias 03, 04 (com a realização de orações) e 05 de abril de 2020 (com um dia de Jejum), sendo

³³https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/04/interna_politica,842421/bolsonaro-convoca-populacao-a-participar-de-campanha-de-jejum.shtml.

convocado através de um vídeo produzido pelas lideranças das principais denominações religiosas e repostado pelo próprio presidente.

Como característica principal estava uma demonstração de unidade entre as denominações, rompendo as rivalidades em apoio e defesa da imagem do presidente que se desgastava diante da inabilidade no trato com as questões envolvendo a pandemia. Ou como apontaram Dip, et al (2020)

Mais do que o espetáculo – ou a inconstitucional mistura entre Igreja e Estado laico –, a campanha de jejum e oração vem para marcar posição em um momento em que o presidente tem sua imagem fragilizada pela forma como tem agido frente à pandemia mundial e mostrar que ainda pode contar com o apoio da sua mais forte base eleitoral, da qual fazem parte os principais e mais poderosos líderes de megaigrejas evangélicas do país – que se uniram, em consonância inédita na história, para apoiar sua eleição e agora seu mandato. Justamente para manter essa base, Bolsonaro tem cedido ao lobby evangélico por meio de declarações e gestos efusivos e, mais recentemente, no dia 26 de março, do polêmico decreto que inclui as igrejas na lista de serviços essenciais, decisão que se tornou uma das principais batalhas judiciais de seu governo atualmente. (DIP, et al, 2002, sp.).

Ao mesmo tempo, o jejum reforçava as características que minimizavam os riscos da doença, o caráter de cura através da oração e construía a ideia de que a pandemia tinha um caráter de provação para os fiéis. Ou, como se pode perceber pela fala do Pastor Silas Malafaia que discursou: "depois disso aí, vai vir um tempo de prosperidade para o Brasil que nunca houve, e todas as previsões catastróficas estão aniquiladas no nome de Jesus". O caráter de negação dos problemas continuou sendo reforçado na fala do Bispo Edir Macedo que dizia que o jejum serviria para eliminar a praga e acabar com todas as previsões ruins que vinham sendo feitas sobre o país.

Outro a participar da convocação foi o Pastor Marcos Feliciano que em sua convocação realizada pelo *Instagram* reforçava os ataques sofridos pelo presidente e o apontava como o principal responsável pelo pedido do jejum. Feliciano clamou em sua convocação a uma guerra espiritual que vinha sendo travada no mundo por cristãos ao citar as eleições de Trump, Bolsonaro, Benitez, entre outros e apontou que esses líderes cristãos de inúmeros países ³⁴ clamavam por apoio na luta contra as forças das trevas.

³⁴ https://www.instagram.com/tv/B-f30QFnHRR/?utm_source=ig_embed.

Não obstante, no dia 06 de abril, o pastor apontaria que os casos de COVID-19 já estariam diminuindo em consequência do Jejum e da oração.

A importância do evento foi confirmada meses depois por Feliciano, ao narrar uma teoria conspiratória, que apontava que o dia de jejum foi o principal responsável por evitar o impeachment do presidente que vinha sendo moldado pela rede Globo, pelos governadores de São Paulo (João Dória) e do Rio de Janeiro (Wilson Witzel) e com o auxílio dos então Ministros Henrique Mandetta e Sérgio Moro³⁵.

4. O futuro da democracia brasileira e os reflexos do projeto de dominação religioso conservador/reacionário no Brasil

Como conclusão parece importante escrever alguns parágrafos projetando o futuro dessa aliança política. É nítido que a ligação entre o bolsonarismo e os pastores que lideram essas Megaigrejas se tornou central para a manutenção do governo e para projetos políticos de dominação da esfera pública através de pautas moralizantes. Esse projeto político, que pode ser pensado a luz dos estudos sobre a nova direita religiosa nos EUA, demonstra, no exemplo brasileiro, características em muitos sentidos mais desafiadoras. Isso ocorre pois, enquanto nos EUA a nova direita religiosa teve seu apogeu nas décadas de 1980, 1990 e começo dos anos 2000, e perdeu força durante a última décadas devido ao seu componente racial, e a sua incapacidade de superar uma estrutura formada majoritariamente por um público branco e conservador. No caso brasileiro, essas lideranças religiosas reacionárias conseguiram estabelecer uma adesão à um público potencialmente maior, que não apresenta a limitação racial presente na sociedade estadunidense.

Isso significa que enquanto o público e, conseqüentemente, o número de eleitores presentes nas redes da nova direita cristã estadunidense encontra-se em declínio³⁶,

³⁵ <https://revistaforum.com.br/politica/feliciano-diz-que-jejum-de-evangelicos-impediu-derrubada-de-bolsonaro-cristaos-sustentam-o-governo/>.

³⁶ Embora atualmente com Trump esteja mais mobilizado e radicalizado.

motivado pelo crescimento da imigração, de uma sociedade multicultural e do afastamento dos jovens da religião. No Brasil, os dados do IBGE demonstram um crescimento cada vez mais constante dos evangélicos ligados a essas Igrejas, o que, como apontam DIP (2018) e Spyer (2002), lança uma perspectiva futura de uma importância cada vez maior dos votos desse eleitorado.

Ao mesmo tempo, os efeitos da pandemia têm mostrado o risco cada vez mais constante trazido pela imposição desse projeto à sociedade, tanto por seu caráter de negação da ciência, quanto por uma estrutura que parece privilegiar a arrecadação a vida dos fiéis. Nesse sentido, é necessário um esforço para que setores progressistas da religião intensifiquem a participação no debate religioso e dialoguem com o intuito de revalorizar ideias como a fraternidade e a tolerância. Ao mesmo tempo é necessário que setores da vida pública ampliem a vigilância e resistência à ascensão de novos líderes neopopulistas ratificados por setores reacionários da fé.

Referências

BRASIL (2020). **DECRETO Nº 10.292, DE 25 DE MARÇO DE 2020** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10292.htm#art1. Acesso em: 10 out. 2020.

DIP, A. et al. Especial Coronavirus: O lobby dos evangélicos contra o fechamento das igrejas. **Observatório da Laicidade na Educação**. 07 de maio de 2020. Disponível em: <http://ole.uff.br/2020/05/07/especial-coronavirus-o-lobby-dos-evangelicos-contra-o-fechamento-das-igrejas/> Acesso em: 15 out. 2020.

DIP, A. **Em Nome de Quem? A bancada Evangélica e seu projeto de poder**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

LACERDA, Marina Basso. Jair Bolsonaro: a agenda defendida em sua trajetória política. In: GUADALUPE, José Luiz Péres; CARRANZA, Brenda (ORG.) **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos no século XXI**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2020.

LACERDA, Marina Basso. **O novo conservadorismo brasileiro**. Porto Alegre: Zuko, 2019.

MARIANO, Ricardo. Expansão e ativismo político de grupos evangélicos conservadores: Secularização e pluralismo em debate. **Civitas, Rev. Ciênc. Soc.**, Porto Alegre, v. 16, n. 4, p. 708-726, Dec. 2016. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-60892016000400012&lng=en&nrm=iso Acesso em: 26 nov. 2020.
<https://doi.org/10.15448/1984-7289.2016.4.25765>.

MARIANO, Ricardo; GERARDI, Dirceu André. Apoio evangélico a Bolsonaro: antipetismo e sacralização da direita In: GUADALUPE, José Luiz Péres; CARRANZA, Brenda (ORG.) **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos no século XXI**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2020.

NETO, A. L. G. O. Uso Político da Religião e o Uso Religioso da Política: Como a defesa de pautas morais indica uma compreensão de gênero. **Interações**, v. 12, n. 22, p. 323-342, 30 dez. 2017.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. **Tempo social**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 187-214, May 2017. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702017000200187&lng=en&nrm=iso Acesso em: 27 nov. 2020.
<https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.110052>.

SALES, Lilian; MARIANO, Ricardo. Ativismo político de grupos religiosos e luta por direitos. **Relig. soc.**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 9-27, Aug. 2019. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872019000200009&lng=en&nrm=iso Acesso em: 08 Jan. 2021. Epub Oct 14, 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872019v39n2editorial>.

SANTOS FILHO, Christovam Reis dos; COSTA, Otávio José Lemos. Igreja Universal e o coronavírus: a dimensão geossimbólica e a negação do isolamento social. In: **Revista Ensaios de Geografia**, Niterói, vol. 5, nº 9, p. 52-56, maio de 2020 Submissão em: 16/04/2020. Aceite em: 13/05/2020.

SNYDER, T. **Na Contramão da Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, M. A. D. A eleição de Donald Trump e a reconfiguração da direita religiosa estadunidense. In: Donald J. Trump e a Ascensão Populista: embates ideológicos nos EUA e seus desdobramentos e impactos na conjuntura política internacional. **Mundo e Desenvolvimento**, Vol. 1, nº. 1, 2018, p. 6 - 38.

SPYER, J. **Povo de Deus. Quem são os evangélicos e por que eles importam**. São Paulo: Geração, 2020.

Recebido: 05.12.2020
Aprovado: 21.12.2020